

O ENSINO SUPERIOR COMO LUGAR NÃO HOMOLOGADO DA ABJEÇÃO E DA DIFERENÇA: SOBRE O DEVIR HOMOEROTISMO

Gerlândia de Castro Silva¹

gerlandia@ufpa.br

Josenilda Maria Maués da Silva²

jomaues@ufpa.br

Resumo: A escrita problematiza o ensino superior como lugar da produção de abjeções em torno do homoerotismo e da docência, com o objetivo de compreender, a partir de leituras consideradas em suas curvaturas pós-estruturalistas, a produção da performatividade homoerótica na experiência deste ensino. Para este intento, caminha por terrenos investigativos pós-estruturalistas como lugar da teorização da diferença e da desconstrução identitária e busca uma confabulação com as definições das teorias *queer* e estudos pós-feministas no que concerne ao conceito de abjeção e performatividade, bem como recorre à discursividade sobre identidade e diferença na miragem desses estudos. Compreende que há um chamado como interpelamento do homoerotismo ao atravessamento das fronteiras das identificações fixas de gênero para construir virtualidades, outros lugares e outras identidades na docência, embora os corpos abjetos estejam situados em um espaço de governabilidade, controle e prescrições heteronormativas.

Palavras-chave: homoerotismo. Abjeção. Docência.

Abstract: Writing discusses higher education as a place production of abjections around the homoeroticism and teaching in order to understand the production of homoerotic performativity in this teaching experience. For this purpose, it goes through post-structuralist investigative lands as a place of theorizing the difference and identity deconstruction, and it searches for a confabulation with the definitions of the *queer* theories and post-feminism studies when it comes to the concept of abjection and performativity, as well as it uses discursivity about identity and difference in the mirage of these studies. It means that there is a calling in terms of challenging homoeroticism while crossing the borders of fixed gender identifications to build virtualities, other places and other identities in teaching, although the abject bodies are situated in an area of governance, control and heteronormative requirements.

Keywords: Homoeroticism. Abjection. Teaching.

O estudo problematiza o ensino superior como lugar da produção de abjeções em torno do homoerotismo e da docência com objetivo de compreender, a partir de leituras consideradas aqui em suas curvaturas pós-estruturalistas, a produção da performatividade homoerótica na experiência deste ensino.

Para este intento, o estudo caminha por terrenos investigativos de cunho bibliográfico, acostando-se em uma poética de escritura que recorre ao pós-estruturalismo como teorização da diferença e da desconstrução identitária na busca de uma confabulação com as definições das teorias *queer*, estudos pós-feministas, no que concerne ao conceito de abjeção e performatividade, bem como à discursividade sobre identidade e diferença na miragem desses estudos.

A partir dessas leituras, compreende-se que há um chamado, como interpelamento do homoerotismo, ao atravessamento das fronteiras das identificações fixas de gênero para promover inquietações geradoras de virtualidades, outros lugares e outras identidades na docência, embora os corpos abjetos estejam situados em um espaço de governabilidade, controle e prescrições heteronormativas.

1 SOBRE A RECUSA DE UM DEVIR DOCENTE

No ensino superior, o docente, aprontado e acabado numa perspectiva cartesiana, tem sido instaurado com feitio homogêneo e tem sido ajustado como um incapaz de viver transgressões, bem como de se projetar como devir.

A impossibilidade do devir docente recusa o projeto deleuziano de habitação da tangente do tempo, despreza os efeitos incorporais e impede o fazer-se inconclusa criação, uma vez que o devir (DELEUZE, 1997) rebela-se, coloca-se adverso à ordem hegemônica de significações estabelecidas e posiciona-se contrário às certezas que sufocam a vida para permitir a circularidade de fluxos e o deslocamento das oposições, pois a definição deste ou daquele, desta ou daquela forma já não fazem sentido: "Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação, tal qual já não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula" (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 43).

Nesta superfície íngreme e abrupta, não importa os ajustamentos e as modelagens, tampouco as margens e os delineamentos. Não há lugares de partida e chegada, nem conhecimento de si, dos outros e da realidade. Há que se pensar em tangentes e paralelas, em capturas diversas não miméticas, não assimilativas, nem integrativas, mas um movimento criativo em constante fluidez, pois:

Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam. A questão "o que você está se tornando?" é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos. As núpcias são sempre contra natureza. As núpcias são o contrário de um casal. Já não há máquinas binárias: questão-resposta, masculino-feminino, homem-animal etc. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 11).

No entanto ao *ato mon individuum*, como docente institucionalizado, ser estável e estático, é exigido o equilíbrio comportado e enquadrado em molduras historicamente construídas.

Tentar enquadrar ou definir a docência, em âmbito universal ou mesmo singularizado, no entanto, é buscar domesticar a diferença e tornar estática sua individuação. É desconhecer que:

[...] nenhuma determinação pode individualizar plenamente um docente, já que a individuação (visto ser abertura e virtualidade) não exige uma universalidade nem a singularidade, sendo indiferente quer ao uno quer a muitos. Se, inclusive, a individuação produzisse um composto docente, formado de substância mais acidentes, o indivíduo, assim produzido, seria um docente ontologicamente diminuído, na medida em que se distinguiria dos outros docentes apenas em função dos acidentes (CORAZZA, 2008, p. 98).

No âmbito das instituições de ensino superior é comum a tentativa de fixar demarcações entre o trânsito nas fronteiras da docência e do gênero, seja pela desproblematização, como modos respectivos de produzir ou excluir discursos por meio da não problematização ou mesmo pela centralização, operada em torno da heteronormatividade, seja ainda pela excentricidade (DELEUZE; GUATTARI 2002), entendida como fora do centro, mas não marginal, considerando-se o tratamento dado a questões que envolvem o gênero. Para Foucault (2006, p. 242):

[...] problematização não quer dizer a representação de um objeto pré-existente, nem tampouco a criação pelo discurso de um objeto que não existe. É o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento (seja de forma moral, de conhecimento científico, da análise política, etc.).

A desproblematização ganha visibilidade ao se perceber a força de discursos heteronormativos que desautorizam e tentam docilizar o que é considerado infrator, tornando doméstico o que é estranho e idêntico a ambivalência.

Ocorre, portanto, a objetivação e subjetivação do indivíduo, para si e para os outros, em jogos de poder/saber e verdades instituídos em procedimentos precisos de governo (FOUCAULT, 1984). As formas de objetivação/subjetivação dizem respeito ao que se espera dos sujeitos como comportamentos, condições em que se estará submetido e as posições em que se ocupará em frente da produção do conhecimento. Objetiva-se o indivíduo recorrendo-se ao controle de sua subjetivação, sendo as questões de gênero, dispositivos que tecem tramas de práticas, discursos e técnicas objetivas que regulam tanto a submissão quanto as transgressões nos jogos de saber/poder.

Enredados nestas tramas poder-se-ia pensar em um processo de abjeção que relegaria as diferenças à condição de não aceitação social, uma vez que a abjeção opera na condição da exclusão ou mesmo da desproblematização. A desproblematização e a excentricidade coadunam-se na condição de fazer evidenciar nas identidades suas características abjetas.

A racionalidade soberana sempre esteve ameaçada pelos limites da animalidade e da nadificação objetual, pelo lado escuro da identidade subjetiva estável, um oco onde o sujeito pode cair, quando sua identidade é posta em questão. A nomeação do abjeto se inscreve no movimento de mascarar a ferida que constitui o texto primitivo do próprio corpo enquanto finito. A abjeção é o espaço da dessemelhança e da não-identidade. Apontar o monstruoso, o abjeto, funciona como um poderoso aliado do que Foucault chamou de sociedade panóptica, na qual comportamentos polimorfos são extraídos do corpo dos homens mediante múltiplos dispositivos de poder [...]. A nomeação do monstro alivia a ameaça interna que é co-estruturante do homem (VILLAÇA, 2006, p. 74).

A abjeção, então, opera como lugar da não aceitação, do que é considerado monstruoso, infame e anormal ao ameaçar os padrões controláveis e previsíveis.

2 INSPIRAÇÕES ABJETAS PARA O HOMOEROTISMO

A discussão sobre abjeção é central quando se pretende falar de homoerotismo, na docência, ou em outros lugares sociais. A tradução que nos parece mais familiar vem da recolocação de Judith Butler, nos anos de 1990 e 2000, no âmbito das teorizações *queer* e feministas, em seus estudos sobre gênero. Embora em outros campos, principalmente no das artes, haja diferentes movimentos de nomeação e tentativas de conceituação do termo³ Butler (1999, 2002, 2003, 2006) inspira-se nos trabalhos de Júlia Kristeva, que, a partir da década de 1980, tem lidado com as ressignificações construídas em torno da abjeção.

Em um primeiro momento, em forte diálogo com a psicanálise freudiana, lacaniana e winnicottiana, Kristeva (1980), aproxima a abjeção de uma existência primitiva do capital psíquico, uma espécie de negação do “eu” em constituição deste. Um lugar de fronteira, de negação e produção, ao projetar um corpo desprovido de alma cuja principal manifestação correlata é a do cadáver.

Embora atue como produção, a abjeção se manifesta como ausência, negação, um não-limite, um vácuo que abre espaço para a desestruturação de regras e princípios morais, éticos, políticos e religiosos, que escapam ao controle e ao governo e embaraça as identidades.

A expurgação, os corpos desbeijados, mutilados e andrajosos parecem descrever um cenário de morte ou quase-morte somente composto em momentos de guerras. Talvez, por isso, alguns estudiosos, como Seligmann-Silva (2003, 2010, 2011), atuando no campo das artes, propunham que a segunda guerra mundial pode ter influenciado a composição do termo abjeção em Kristeva, assim como a primeira guerra influenciou as formulações freudianas de trauma.

Há, portanto, um impulso visível à rebeldia e ao asco quando a autora descreve o nojo de uma comida, ou de uma situação social e a repulsão sobre tudo o que incomoda e provoca repugnância,

aproximando-se da descrição da morte para isso. Não da morte como a entendemos, mas da morte em sua acepção primeira, como se retornássemos à definição em latim da expressão *abjectus* – atirado por terra, derrubado, rastejante e abatido – como se significasse cadavérico ou cadáver:

O cadáver (do latim: *cadere*, que significa cair), o que inevitavelmente tem caído, latrina e morte, perturba mais violentamente ainda a identidade de quem o confronta como um acaso, frágil e enganador. Uma ferida com sangue e pus ou o cheiro doce e picante de um suor, uma podridão, não significa morte. Frente à morte significa - por exemplo, um eletroencefalograma plano - eu poderia entender, reagir ou aceitar. Não, bem como um teatro de verdade, sem dissimulação ou máscara, tanto o desejo como o cadáver me indicam que aquilo que eu excluo permanentemente para viver. Esses humores, esta impureza, esta merda, são o que a vida apenas suporta, e com esforço. Estou à beira dos limites de minha condição de vida. Desses limites se desprende meu corpo como vivente (KRISTEVA, 2006, p. 10 - tradução minha)⁴.

No entanto, em seu estado de ambivalência, na fronteira entre produção e negação, há uma cadeia desregulada em movimento de expulsão e atração e fomentada como um pânico que desagrega e uma aversão que desconcerta, como se o confronto entre a aceitação e a negação do abjeto produzisse um lugar-limite para se habitar em adiamento de toda a possibilidade identitária.

Por isso, essa aproximação da psicanálise freudiana e lacaniana. Nela, ao aproximar-se do sublime, aproxima-se, também, da possibilidade de purificação do abjeto em diferentes dimensões, inclusive a artística. Uma vez que a: “pele, os seus orifícios, dejetos e fluidos são os suportes privilegiados dessa arte abjeta; o corpo é um campo semiótico, dividido em zonas – a base sobre a qual se desenvolveu e se assenta o discurso simbólico da linguagem” (MORAES, 2008, p. 1).

As ideias sobre abjeção emergem em jogos discursivos bem antes das formulações da psicanálise, estando ligadas, também, às concepções de sublime, principalmente no campo da arte e da literatura, como nas formulações de Burke que, dentre outras pertinências, aproximam a abjeção a tudo o que é odioso, detestável e vomitável, mas pertencente à autopreservação e ao deleite. Em Kristeva (1980), não obstante, diferentemente, porém com marcas das concepções de sublime sobre autopreservação e deleite, o abjeto nasce da pulsão de vida e lança-se ao gozo, uma espécie de prazer dúbio e impreciso que tem sua gênese na *kátharsis* do outro que entalha, simultaneamente, a flagelante escultura do ser.

Opera a abjeção como ácido corrosivo, que se desloca, revolta-se, revoluciona e inquieta-se com toda forma de identificação do ser, numa tensão entre *affectos* e pensamentos, em um bumerangue de “desejos que não se deixam seduzir”. De dentro para fora e de fora para dentro, constitui imprecisão, ambiguidades e deslocamentos:

Há na Abjeção uma dessas violentas e obscuras rebeliões do ser contra qualquer coisa que o ameaça e que pareça vir de um afora ou de um adentro exorbitante, situado ao lado do possível e do tolerável, do pensável. Está ali, muito perto, mas inacessível. Isso solicita, inquieta, fascina o desejo que, no entanto, não se deixa seduzir. Assustado, ele se afasta. Repugnado, recusa-se, um absoluto o protege da vergonha, esta orgulhosa dele o mantém. Contudo, ao mesmo tempo, este desabafo, esse espasmo, este salto é atraído para a outra parte tão tentadora como condenada incansavelmente, como um bumerangue indomável, um polo de atração e repulsão, lugar que é habitado pelo literalmente fora de si (KRISTEVA, 2006, p. 07 - tradução minha)⁵.

A abjeção, então, não denomina o sujeito, tampouco, o abjeto. Igualmente não constitui qualidade, adjetivações, do lado de fora, em zonas fronteiriças, em oposições às identificações do eu. Ela mistura, interpela, seduz, adia, e, indefinidamente, diferencia, como afirma Kristeva (*idem*):

Quando eu estou invadida pela abjeção, esta tormenta feita de emoções e pensamentos, como eu os chamo, não há, na realidade, objeto definível. O abjeto não é um ob-jeto diante de mim, que eu nomeio ou imagino. Nem é este ob-jogo, pequeno ob-jeto 'a', ponto de fuga infinito em uma busca sistemática de desejo. O abjeto não é meu correlato que, ao oferecer-me um suporte sobre alguém ou sobre algo mais, me permitiria ser, mais ou menos diferenciada e autônoma. Do objeto, o abjeto não tem mais do que uma qualidade, a oposição ao eu. Mas se o objeto, ao se opor, me equilibra no enredo frágil de um desejo experimentado que, na verdade, me aprova indefinidamente, infinitamente a ele, em vez disso. O abjecto, objeto caído, é radicalmente um excluído e me atrai lá onde o sentido se diminui. (KRISTEVA, 2006, pp. 07-08 - tradução minha)⁶.

São estes espaços não homologados, estas misturas de desejos e repulsas. Essas zonas inabitáveis, os lugares de exclusão e pertencimentos, pontos de fuga e buscas que aproximam a abjeção de Kristeva à emergência da expressão nos trabalhos de Butler, que, a partir, principalmente da década de 1990, passa a referir-se a um vácuo exterior ao sujeito, um lugar ignóbil que atua no artifício de (des)identificação coligindo, igualmente, de dentro para fora, ao constituir lugares de valência e desautorização do sujeito.

A composição da abjeção em Butler (2000) considera os mediais discursivos pelos quais os artifícios de exclusão acontecem, provocados por uma linguagem heteronormativa que reforça a presença de determinadas identidades de gênero enquanto desautoriza a existência de outras. Para a autora:

Esta matriz excludente pela qual os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são 'sujeitos', mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O abjeto

designa aqui precisamente aquelas zonas 'inóspitas' e "inabitáveis" da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do 'inabitável' é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Essa zona de inabitabilidade constitui o limite definidor do domínio do sujeito; ela constitui aquele local de temida identificação contra o qual — e em virtude do qual — o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação de direito à autonomia e à vida. Neste sentido, pois, o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, 'dentro' do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio (BUTLER *apud* LOURO, 2000. p. 11).

Ao incorrer em procedimentos de abjeção e de exclusão os corpos deveriam, então, gerar conformação e aceitação da condição desproblematizadora a que estão postos nas instituições de ensino, especificamente, as de ensino superior, ou poderiam, como reinvenção, transgressão ou insubordinação buscar criar distintas experiências a partir de sinais, códigos e atitudes que os definiriam como gêneros que pudessem produzir tanto a normalidade como a transgressão.

Pensar sujeitos que escapam da via planejada, corpos que se extraviam, e põem-se à deriva é abrir possibilidades para se pensar sujeitos que encontram novas posições para viver, outro lugar para se alojar ou se mover ainda outra vez. Para estes corpos, seus sinais, ou seu funcionamento se modificam ao longo do tempo; eles podem ser negados, ou reafirmados, manipulados, transformados ou subvertidos. A partir deles, observa-se que são sujeitos empenhados na produção de gênero e na sexualidade e que, ainda que sejam ativos nessa construção, são tomados por uma matriz heterossexual que delimita padrões, ao mesmo tempo em que fornece a pauta para as transgressões. Assim como alguns se conformam, há também os corpos que a subvertem (CABRAL *et al.*, 2010, p. 05).

A circularidade discursiva nos processos de subjetivação da docência tem sido acionada em lugares fictícios e institucionais, como na Universidade. Estes lugares constituem territórios em que a condição desproblematizadora do homoerótico sugere artificios homogêneos que silenciam os debates ou os alocam como desnecessários, criando-se, assim, uma performatividade que limita a experiência⁷ homoerótica na docência.

3 PERFORMATIVIDADE E EXPERIÊNCIA HOMOERÓTICA NA DOCÊNCIA

A emergência de discussões envolvendo as noções de performatividade nas teorizações pós-estruturalistas, *queer* ou feministas, tem traços do início dos anos de 1990, inscrevendo-se em múltiplas perspectivas poéticas, políticas e discursivas. Realce deve ser dado às teorizações feministas em que Riviére, no período em pauta, aproxima as definições de feminilidade aos laivos de mascaramento. Contribui com este processo discussões sobre disciplinamento foucaultianas⁸ e sobre o *habitus* na perspectiva bourdieusiana⁹ que, em aspectos diferentes, abordam o poder e a subjetivação,

fazendo circular discursos sobre atos performativos como repetições ritualizadas de normas e interiorização de condutas sociais.

A multiplicidade de lugares que cercam a emergência das noções de performatividade coloca em circulação discursos advindos, também, de um movimento de arte feminista nos Estados Unidos, já existente nos anos de 1970, que adota a performance como arcabouço basilar de um movimento político e estético.

Os rudimentos de interesse para este estudo, não obstante, passam pelo crivo butleriano em versões que levam em conta, enquanto problematizam o processo de teatralização de papéis de gênero. Após algumas negociações teóricas, Butler (2003) aborda o conceito de performatividade desassociando-o da concepção voluntarista de representar um “papel”, uma vez que esta constitui uma postura que expressa e marca uma condição de adoção de identidades de gênero, quando o que ocorre são inscrições em corpos de performances de gênero. Mesmo a negação da teatralidade, no entanto, não exclui a sua inevitabilidade.

Em *Bodies That Matter* (1993) Butler refere-se à performatividade como:

[...] um ‘ato’ não singular, por isso funciona sempre como uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas, e na medida em que adquire um status de lei, ela esconde ou dissimula as convenções de que é uma repetição. Além disso, este ato não é primariamente teatral; na verdade, sua aparente teatralidade é produzida à medida que sua historicidade permanece dissimulada (e, por outro lado, a sua teatralidade ganha certa inevitabilidade) (p. 12 - tradução minha)¹⁰.

Em seu processo de negociação teórica, Butler (1998) empresta e ressignifica a teoria da performatividade de teóricos como Austin, associando-a à fenomenologia de Merleau-ponty, e às leituras de Beauvoir, para sustentar que os gêneros são produtos performativos, pois estão sujeitos aos processos de tornar-se. Considerando-se, nesta perspectiva, que as identidades de gênero são produtos da discursividade que formatam corpos, uma vez que não se nascem homens ou mulheres (BEAUVOIR, 1980), mas tornam-se, provisoriamente, por meio dos atos reiterativos que formam os gêneros.

É em práticas reiterativas e citacionais que a normatividade sobre o gênero encontra materialidade nos corpos. Destarte, ao estresir, repetir posições e posicionamentos, atitudes e gestos e, ao estilizar uma superfície, procura-se vivenciar modelos, na maioria dos acontecimentos, heteronormativos. Ressalte-se, no entanto, que a repetição jamais produz o mesmo, pois o outro idealizado incide a manifestação de uma performance – a performance de gênero.

Butler (2003) destaca este aspecto quando procura definir gênero, considerando-o “um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida” (p. 59) e socialmente

ratificada, dentro da qual assume dois atributos acentuados, o institucional, regulador e normativo e o de gênero como efeitos de práticas discursivas oriundas das “ficções reguladoras”, provisórias e deslocadas, porquanto não regulam totalmente os corpos subversores que atuam como entrelugares de reinscrição identitária.

O gênero atua, opera e marca-se como performance que ocorre em qualquer corpo, com qualquer composição biológica, uma vez que, como tecido em que se traçam identidades politicamente acrisoladas, os corpos atuam como lugar de grafismos, garatujas e ocorrências. Porquanto, fazendo-se culturalmente, desfiliam-se e despaternalizam-se de todo referencial biológico (BUTLER, 1987).

Nesta miragem, não pode o gênero ocupar um sítio previamente marcado, já que é fabricação, fantasias, tracejando-se na face dos corpos como provisoriedade e efeitos discursivos oscilantes e despojados de nomeações ou terminologias.

Dilata-se, então, a contenda epistemológica sobre gênero, uma vez que a performatividade se compõe na reiteração de normas que são anteriores ao sujeito, e que, sendo constantemente reiteradas, materializam aquilo que nomeiam. Tais práticas discursivas sugerem enquadramentos e molduras, mas são performativas no sentido de reiterarem práticas já reguladas, normas ou um conjunto delas, materializando-as no cotidiano e exigindo atitudes mediante as quais se produz identidades. Isso não quer dizer que ocorra opções, mas sim coibições, mesmo não se fazendo sentir como tal. Por isso seu efeito a-histórico é naturalizado.

No âmbito das instituições de ensino superior, a ausência de debates ou os silenciamentos em torno das identidades homoeróticas não correspondem aos murmúrios dos corredores, não formalizados nas mesas de discussões. Esses murmúrios de experiências fictícias revelam que as relações institucionais vinculadas ao cotidiano da docência apresentam significações diversas.

4 EPISÓDIOS FICTÍCIOS NOS BASTIDORES DO SABER/PODER

Sem pátria ou mátria autoral, alguns episódios fictícios, demasiadamente ornamentados, ocorrem nos corredores, bastidores entre cortinados e nas salas, presentes, aparentes, superficiais ao envolver, ler, projetar e abrolhar perversas, cômicas e produtivas ocasiões cuja performatividade é exigida, imposta e cobrada procurando-se confeccionar identidades de gênero.

Nesses episódios, a heteronormatividade é arrebatada do seu lugar sossegado e obrigada a dançar com outras instáveis e ameaçantes insubordinações.

Na primeira sala, um docente, ocupando a designação homoerótica, é colocado em situações em que o processo de rotulação está presente: o fato de se esperar que ele tenha mais jeito ou

maiores destrezas artísticas e que por isso deva dar conta dos eventos festivos da instituição é um aspecto bastante comum dentre as flechas normativas que atravessam o rótulo homoerótico.

Na sala seguinte, fulminantes olhares esperam e torcem para que o docente possa criar situações constrangedoras de assédios quanto aos alunos. Nela ocorre de questionarem-se notas ou conceitos atribuídos a alguns alunos, alegando-se que foram beneficiados pela dita orientação sexual do docente e que este persegue, por exemplo, as meninas. Estas atitudes assemelham-se às atitudes dos pais de alunos na educação infantil e ensino fundamental quando exigem da escola que retire do contato com alunos o docente, acreditando-se que este possa “contaminar” a criança com o homoerotismo¹¹.

O terceiro fictício episódio se passa na sala de reuniões de uma faculdade onde as lentes transparentes apontam a falta de compromisso do docente associando-a à identidade de gênero, como se esta característica fosse mais comum no homoerotismo. No processo de julgamento, atribui-se à condição de carência emocional/afetiva, a um docente mais exigente ou rigoroso quanto às atividades pedagógicas da disciplina que ministra, sugerindo que a falta de parceiros, ou de atividade sexual possa interferir no humor do docente. Um processo de especulação ocorre, no entanto, quando o professor não segue o estigma de conquistador das alunas, apresentando-se mais reservado, pois, mesmo que não seja visto por meio da identidade de gênero, está assumindo uma identidade “duvidosa”.

De outro lado, o docente *gay* é visto como um sujeito com maior competência que os outros, uma vez que, apresenta características profissionais feminilizadas, comum à performatividade construída para o gênero feminino, como a pontualidade e a organização. Mesmo assim, a rotulação e o disciplinamento de corpos é o principal mote.

Neste sentido, o homoerotismo na docência do ensino superior vivencia as etapas da organização e execução do trabalho pedagógico, submetidas ao controle e ao disciplinamento da discursividade que se faz circular sobre o papel homoerótico. Deve-se considerar, no entanto, que, na docência do ensino superior, haja necessidade de se assumir os mais variados propósitos, como o desenvolvimento da pesquisa e a realização de atividades de extensão. Significa afirmar que estes diferentes momentos estão atravessados por olhares ou perspectivas diferenciadas quanto ao desenvolvimento destas atividades envolvendo questões de gênero e homoerotismo, exigindo performatividades em torno do academicismo ou do cientificismo, ou, por outro lado, forjando identificações heteronormativas.

CONSIDERAÇÕES EM CONJECTURAS

É imaginável conjecturar, portanto, que a experiência homoerótica docente, no âmbito do ensino superior, esteja atravessada por processos normativos que, por meio de uma constante vigilância, condicionam as identidades de gênero, controlando também a forma de vivenciá-la; e que os mecanismos de docilização diferem de outras miragens, como a escola básica, em que as subjetividades são tomadas de perspectivas diferenciadas, estando atravessadas, por exemplo, por representações, dos pais, do que se espera da docência.

É imaginável, ainda, que a performatividade na docência do ensino superior faça circular discursos diferenciados que aprisionam e rotulam os corpos em torno, por exemplo, da cientificidade, subsidiados por agências de controle que mascaram as possibilidades subjetivas de se experimentar a docência.

Assim, neste estudo, há uma compreensão da experiência homoerótica na docência como lugar da abjeção, que virtualiza e atualiza, num continuum de problematizações e relocalizações, invenções e criações, constituindo-se, como lugar do adiamento e da diferença.

Desta forma há a procura por um balanceamento em Deleuze (1988) quando bosqueja que o processo de atualização do virtual é sempre atravessado pela diferença, já que desconfigura e promove a dessemelhança do idêntico, pois as expressões atuais não tornarão a ser as mesmas nem se assemelharão à virtualidade que atualizam. No entanto, a virtualidade busca-se como problematização e não possibilidade. A atualização é parte, processo e resposta ao virtual, pois ambas – virtualidade e atualidade – submergem e abrangem, envolvem e são envolvidas: “Todo atual se envolve de uma névoa de imagens virtuais. Tal névoa se eleva de circuitos coexistentes mais ou menos extensos, sobre os quais as imagens virtuais se distribuem e correm. É assim que uma partícula atual emite e absorve virtuais mais ou menos próximos, de diferentes ordens. Eles são ditos virtuais quando sua emissão e absorção, sua criação e destruição são feitas em um tempo menor do que o mínimo de tempo contínuo pensável, e que tal brevidade os mantém desde então sob um princípio de incerteza ou de indeterminação. Todo atual se envolve de círculos de virtualidades sempre renovadas, sendo que cada um emite outro, e todos envolvem e reagem sobre o atual” (DELEUZE; PARNET, 1978, p. 174).

Corroborar Lévy ao enfatizar que há perigo em confundir o virtual com o possível, já que este hirtido e fundado é consolidado na semelhança enquanto opõe-se ao real. O virtual não precisa opor-se ao real, pois é real em si mesmo e opera pela atualização, sem buscar a paridade já que é diferenciação: “A virtualização pode ser definida como o movimento inverso da atualização. Consiste

em uma passagem do atual ao virtual, em uma 'elevação à potência' da entidade considerada. A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade" (LÉVY, 1996, p.17).

Neste sentido, pode-se arriscar que há um chamado como interpelamento do homoerotismo ao atravessamento das fronteiras das identificações fixas de gênero, constituindo virtualidades, outros lugares e outras identidades na docência, embora os corpos abjetos estejam situados em um espaço de governabilidade, controle e prescrições heteronormativas, e embora as performatividades também requeiram, por vezes, moldes antes definidos.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v. I, II. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BUTLER, Judith, **Bodies that matter, on the discursive limits of "sex"**. New York & London: Routledge, 1993.
- _____. **Excitable speech**. A politics of the performative. London and New York: Routledge, 1997.
- BUTLER, Judith. "Merely Cultural". **NLR**. Jan./Feb. I/227,1998. pp. 34-44.
- _____. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In: LOURO, Guacira L. (Org.). **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- BUTLER, Judith. **Mecanismo psíquicos del poder**. Teorías sobre lasujeción. Traducción Jacqueline Cruz. Ediciones Catedra, Valência, (1997) 2001.
- _____. **Criticamente subversiva**. In: JUMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgressoras**. Uma antologia de estudos queer. Barcelona: Icaria Editorial, 2002, pp. 55-81.
- _____. **Cuerpos que Importan**. Barcelona: Paidós, 2002a.
- _____. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.
- _____. **Deshacerel Género**. Barcelona: Paidós, 2006.
- CABRAL, Arthur Grimm *et. al.* **Sexo, abjeções e devires** (abalos discursivos entre corpos travestis). Disponível: www.identidade.org.br/2010. Acesso: 20/10/2010.
- CORAZZA, S. M. O docente da diferença. **Periferia**, v. 1, n. 1, 2008. Disponível: www.ufrgs.br/faced
- DELEUZE, Gilles. **Différence e trépétition**. Paris: PUF, 1993.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** v. 4, Rio de Janeiro, Editora 34, 1997. pp. 18-19
- _____. GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. v. 5. 1. Reimpressão. São Paulo: Ed. 34, 2002.

_____. PARNET Claire: **Diálogos**. Paris, Flammarion, 1996. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro, Edições Graal. 1984.

_____. **Ditos e escritos: estratégia, poder-saber**. v. IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

KRISTEVA, Julia. **Pouvoirs de l'horreur**. Essai sur l'abjection. Paris: Éditions du Seuil, 1980.

_____. **Poderes de laperversion**. Ensayo sobre Louis-Ferdinand Céline. 6ª Ed. Sigloveintiuno editores. Madrid, 2006.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n. 19, Jan/fev/mar/abr, 2002.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MORAES, M. R. de. Estética e horror: o monstro, o estranho e o abjeto. **Literatura e Autoritarismo** Dossiê "Escritas da Violência". 2008. Disponível: http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie/art_11.php

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Do Delicioso Horror Sublime ao Abjeto e à Escrita do Corpo. In: ANDRADE, Ana Luiza; CAMARGO, Maria Lucia de Barros; ANTELO, Raúl (Orgs.). **Leituras do Ciclo**. ABRALIC. Chapecó: Ed. Grifos, 1999.

_____. Arte, dor e Katharsis ou Variações sobre a arte de pintar o grito. **ALEA**. v. 5, n. 1 jan/jun, 2003. pp. 29-46.

_____. Mal-estar na cultura: corpo e animalidade em Kafka, Freud e Coetzee. **ALEA**, v. 12 n. 2 julho-dezembro, 2010. pp. 205-222.

_____. Sombras e luzes: reprodução técnica, os rastros efêmeros do desaparecimento e o "puro traço" na obra de Regina Silveira. **O eixo e a roda**: v. 20, n. 2, 2011.

VILLAÇA, Nízia. Sujeito/abjeto. **LOGOS 25**: corpo e contemporaneidade. Ano 13, 2º semestre 2006. pp. 73-84. Disponível: www.logos.uerj.br/

¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGED, do Instituto de Ciências da Educação/ICED, da Universidade Federal do Pará/UFPA, vinculada à Linha de Pesquisa: Currículo, Epistemologia e História.

² Professora Doutora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGED, do Instituto de Ciências da Educação/ICED, da Universidade Federal do Pará/UFPA. Linha de Pesquisa: Currículo, Epistemologia e História.

³ Um exemplo de uma concepção de abjeção no campo das artes contemporâneas é o Abjeccionismo, corrente artística atrelada ao surrealismo, que de Portugal, a partir de 1940, fica conhecida por sua arte, política e poética insubordinada. VASCONCELOS, Mario Cesariny de (Org.) **A intervenção surrealista**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1966.

⁴ *El cadáver (cadere, caer), aquello que irremediabilmente ha caído, cloaca y muerte, trastorna mas violentamente aun la identidad de aquel que se le confronta como un azar frágil y engañoso. Una herida de sangre y pus, o el olor dulzón y acre de un sudor, de una putrefacción, no significan la muerte. Ante la muerte significada - por ejemplo un encefalograma plano - yo podría comprender, reaccionar o aceptar. No. así como un verdadero teatro, sin disimular ni máscara, tanto el desecho como el cadáver me indican aquello que yo descarto permanentemente para vivir. Esos humores, esta impureza, esta mierda, son aquello que la vida apenas soporta, y con esfuerzo. Me encuentro en los límites de mi condición de viviente. De esos límites se desprende mi cuerpo como viviente.*

⁵ *Hay en la abyección una de esas violentas y oscuras rebeliones del ser contra aquello que lo amenaza y que le parece venir de afuera o de adentro exorbitante, arrojado al lado de lo posible y de lo tolerable, de lo pensable. Allí está, muy cerca, pero inasimilable. Eso solicita, inquieta, fascina el deseo que sin embargo no se deja educir. Asustado, se aparta. Repugnado, rechaza, un absoluto lo protege del propio, esta orgulloso de ello y lo mantiene. Y no obstante, al mismo tiempo, este arrebatado, este espasmo, este salto es atraído hacia otra parte tan tentadora como condenada. Incansablemente, como un búmerang indomable, un polo de atracción y de repulsión coloca a aquel que esta habitado por él literalmente fuera de sí.*

⁶ *Quando me encuentro invadida por la abyección, esta torsión hecha de afectos y de pensamientos, como yo los denomino, no tiene, en realidad, objeto definible. Lo abyecto no es un objeto en frente de mí, que nombro o imagino. Tampoco es este objeto, pequeño objeto "a", punto de fuga infinito en una búsqueda sistemática del deseo. Lo abyecto no es mi correlato que, al ofrecerme un apoyo sobre alguien o sobre algo distinto, me permitiría ser, más o menos diferenciada y autónoma. Del objeto, lo abyecto no tiene más que una cualidad, la de oponerse al yo. Pero si el objeto, al oponerse, me equilibra en la trama frágil de un deseo experimentado que, de hecho, me homologa indefinidamente, infinitamente a él, por el contrario. Lo abyecto, objeto caído, es radicalmente excluido, y me atrae hacia allí donde el sentido se desploma.*

⁷ O conceito de experiência, aqui posto, busca distanciar-se da concepção fenomenológica. Desta forma, há uma apropriação da concepção de Larrosa (2002, p. 2) quando este, por meio de suas negociações teóricas, inclusive com Walter Benjamin, afirma que: "Podríamos dizer, de início, que a experiência é, em espanhol "o que nos passa". Em português se diria que a experiência é "o que nos acontece"; em francês a experiência seria "ce que nous arrive"; em italiano, "quello che nos succede" ou "quello che nos accade"; em inglês, "that what is happening to us"; em alemão, "was mir passiert".

⁸ Para Foucault (1977, p. 12), *O poder disciplinar [...] se exerce tomando-se invisível: em compensação impõe aos que submetem um princípio de visibilidade obrigatória. Na disciplina, são os súditos que têm que ser vistos. Sua iluminação assegura a garra do poder que exerce sobre eles. É o fato de ser visto sem cessar. De sempre poder ser visto, que mantém sujeito o indivíduo disciplinar.*

⁹ Para Bourdieu (1983, p. 65), *o Habitus compreende [...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações - e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...].* BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

¹⁰ Performativity is thus not a singular "act," for it is always a reiteration of a norm or set of norms, and to the extent that it acquires an act-like status in the present, it conceals or dissimulates the conventions of which it is a repetition. Moreover, this act is not primarily theatrical; indeed, its apparent theatricality is produced to the extent that its historicity remains dissimulated (and, conversely, its theatricality gains certain inevitability) (BUTLER, 1993, p. 12).

¹¹ Assad e Benedet (2011) relatam, como exemplo, que: "Cinquenta e nove alunos, cerca de 20% dos estudantes do Colégio Ribeirão, uma pequena instituição particular de ensino, localizada no interior desse país tão grande que é o Brasil, foram transferidos de escola [...]. O motivo? A homossexualidade de alguns professores estaria influenciando a orientação sexual dos alunos. Para o diretor da escola [...] demitir educadores gays não resolveu o problema, pois o índice de matrículas nesse ano foi baixíssimo. O preconceito no fluxo de caixa foi tão grande, que a escola, tradicional da cidade, quase precisou fechar as portas." Disponível: www.ggb.org.br/educacao2.pdf. Acesso: 16/12/2011.